

**Michel Laub – *O segundo tempo***  
São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Igor Ximenes Graciano

Após a leitura do mais recente romance de Michel Laub, *O segundo tempo*, uma pergunta se faz possível: o que há de contemporâneo na literatura contemporânea? Por mais simplista que esse tipo de questionamento pareça, nele se revela (ou pelo menos se pretende revelar) a angústia da crítica frente aos novos produtos literários, aos autores que despontam. Na falta de um programa, ou de uma vanguarda auto-explicativa – como no Brasil se viu desde a primeira geração romântica até o concretismo, passando pelos modernistas de São Paulo – o novo surge como quem nada quer, pelas beiradas, oferecendo-se sem estardalhaço. Daí vêm as outras perguntas: o que há de “novo” na literatura contemporânea? Quais seus “expoentes”? A tese inicial, diante de *O segundo tempo*, é que já são velhas estas perguntas, e suas respostas, insignificantes. A literatura, ao que parece, está para além do “novo”, ou, melhor, o novo nem sempre se quer “inovador”.

Não se pretende propagar, com isso, que o conceito (o estado de espírito?) de vanguarda envelheceu, porque isso todo mundo já sabe. Muito menos se pretende refutar a ambição inovadora, uma vez que tal ambição é o próprio motor (o combustível?) que move qualquer produção artística. O que de fato envelheceu foi a pretensão de dizer o “que nunca foi dito” por meio da forma “jamais imaginada”. O que está definitivamente datado é a idéia do gênio criador concebendo a obra ímpar em sua beleza, mas que diz de todos os homens em todos os tempos: uma fábula do romantismo e que perdura ainda em dias pós-modernos. Michel Laub, em *O segundo tempo*, a despeito de uma estética contemporânea ancorada na fragmentação desbragada, na escatologia, na superficialidade militante e autocrítica, enfim, a estética do novo que se diz novo, comete o deslante de simplesmente contar uma história trivial, uma história (o que é mais grave) composta de personagens descaradamente “humanas”, livres de estereótipos e alegorias.

A partir de um referencial histórico, o “Gre-Nal do Século”, e uma data bem delimitada, 12 de fevereiro de 1989, o enredo de *O segundo*

*tempo* é contado por um narrador situado no presente e que narra tendo por base o maior clássico da cidade de Porto Alegre, ocorrido na semifinal do campeonato brasileiro daquele ano, entre os times Internacional e Grêmio. A partida de futebol é crucial, assim como crucial é o momento vivido pelo narrador, um garoto de 15 anos na iminência de assumir a maturidade por carregar um segredo e por ter de revelá-lo ao seu irmão caçula, Bruno. O segredo, aliás, é o mote do romance: o segredo familiar. Saber da verdade sobre o pai, compreender as razões da mãe e, diante disso tudo, proteger o irmão caçula, afinal “uma família não é mais do que isso, um cuidar do outro, não deixar o outro sofrer, não abandonar o outro, não trair, não pisar em cima” (p. 30), revelam a aproximação de Laub da tradição do *Bildungsroman*, o romance de formação, pelo menos em suas características básicas. Saber de um segredo e ter de lidar com suas implicações constituem o caminho e o estágio final da trajetória do protagonista, da criança ao adulto em que ele veio a se transformar:

A consciência emerge como espanto, depois perplexidade, depois num incômodo que se transforma num impulso sem volta, então pela primeira vez decido fazer as coisas à minha maneira, eu não preciso dar explicações a ninguém. Naquele dia eu deixei de obedecer ao pai. E, por não obedecer, contraditoriamente, comecei a me tornar igual a ele (p. 73).

Justamente por estar em um período de transição, um entre-lugar, trata-se o protagonista de um narrador comprometido. Ele está entre o irmão caçula e o pai, entre a infância e a idade adulta. É a posição dúbia que lhe dá o privilégio de todos os ângulos da narrativa, pois ele vê e é visto como criança em sua pretensa inocência diante das situações “adultas”, porém compreende as implicações do que vê, justamente por já não compartilhar do alheamento de seu irmão. O entre-lugar, a adolescência, traz suas escolhas. É nesse “segundo tempo” da narrativa (que não à toa estrutura-se em duas partes, divididas por um breve intervalo, como numa partida de futebol), momento em que as cartas estão na mesa, que o narrador deve optar entre a família e a fuga que seria patrocinada pelo dinheiro que o pai lhe havia dado para quitar as contas do mês. A questão ética, portanto, torna-se cada vez mais premente até o desfecho dos acontecimentos, sua conclusão quanto ao destino final do protagonista, o estágio último do processo que se desencadeia no romance e que o justifica: a transformação da personagem.

A partida de futebol, entremeada com os questionamentos do narrador, transforma-se no momento chave da narrativa: “Foi por isso que não dei a notícia do pai antes do Gre-Nal do Século? Eu sabia que a semana era como um rito, nós teríamos que passar por ela. Eu ficava pensando como seria dali para a frente, para mim faltavam poucos anos para conseguir autonomia, com sorte uma faculdade e um emprego de meio turno, mas Bruno ainda tinha muito tempo” (p. 22). A semana que antecede o jogo – com as reportagens preliminares, a expectativa – e o jogo em si servem não só como uma espécie de alegoria, pelo seu caráter decisivo, por ser uma semi-final do campeonato brasileiro, mas como episódio que contará diretamente na decisão a ser tomada pelo protagonista.

O futebol, para os três homens de *O segundo tempo* – o pai e seus dois filhos – serve como uma espécie de termômetro para a vida, na medida em que diz da relação de cada um com as suas próprias mudanças. O pai já não se interessa como antes, talvez na melhor fase do casamento, quando “os domingos eram passados no Olímpico” (p. 15), onde levava invariavelmente os filhos para assistir aos jogos do Grêmio. O narrador, por seu turno, escrevendo no presente, ao rememorar sua história, demonstra essa relação de forma categórica logo no início de seu relato: “Hoje o futebol está morto, e duvido que alguém ainda chore por ele, mas não era assim no dia 12 de fevereiro de 1989” (p. 11). O Gre-Nal do Século, portanto, serve como linha divisória ao narrador quando no ato de trazer para o presente seu momento crucial, e que em grande medida resultou no homem que é hoje, e que narra sua história. Bruno, pela sua posição e responsabilidade (ou falta dela) no curso dos acontecimentos, é quem ainda mais se detém aos fatos do futebol.

Assim, a narrativa de *O segundo tempo* se desenvolve como uma história comum, familiar, contada com simplicidade (o que não significa dizer que não seja de maneira sofisticada, porque é). Literatura, enfim, legitimamente contemporânea, e corajosamente despojada das intempéries pós-modernas, que por vezes se ressentem da prática literária, por desconfiar sempre dos discursos inventivos e de suas representações sociais. Obviamente que não se quer aqui fazer uma crítica a essa postura, nem tampouco desprestigiar as teorias pós-modernas, pelo contrário. É justamente pela defesa da diferença que se afirma a importância da diversidade na expressão literária, por vezes sufocada pelas patrulhas do “novo”, do “efeti-

vamente contemporâneo”. Ao se propor contar uma história sem se preocupar, a cada vírgula, com a legitimidade da expressão ficcional, seja por meio do entrave na narrativa, seja pela violência pura e simples como desmascaramento dos discursos “deturpadores”, Michel Laub diz indiretamente da importância da literatura e da grande falácia (às vezes elitista e afetada) dos que dizem renegá-la sem dela abrir mão.